

A EMPATIA NAS CARTEIRAS ESCOLARES

GianlucaPanella

"A criança faz aquilo que pode, aquilo que não pode não faz"

(Alberto MANZI, 1982)

Já se passaram mais de 80 anos desde o momento, no qual o professor Manzi, pronunciou pela primeira vez estas palavras, carregadas de uma intensidade emotiva, de provocação e sobretudo de uma capacidade comunicativa. São passados outros 50 anos de uma transmissão televisiva. "Não é nunca muito tarde", graças a qual cerca de um milhão e meio de pessoas aprenderam a ler e a escrever e com isso *"a serem livres e finalmente viverem dignamente"*.

Manzi, professor de vários saberes seja com crianças ou com adultos, através de sua capacidade de improvisação criava formas para atrair a atenção das crianças objetivando uma capacidade de elaboração da realidade até a produção de pensamentos.

Pensando e repensando nos últimos anos sobre a importância da figura do professor nesse novo milênio estou certo de que esta figura deve viver entre os bancos escolares com carisma, devoção e senso de responsabilidade. Com a tarefa de realfabetizar as crianças estimulando-as e educando-as sobretudo a pensar. A arte do bom professor é aquela de saber fazer o melhor com o pouco que tem a disposição.

Como psicólogo e psicoterapeuta pude observar aquilo que acontece dentro de uma escola e com frequência me diverti em ver crianças e professores viver tal ambiente com sorriso, curiosidade, motivação, senso de dever e paixão e desenvolver um espírito de mútua participação.

Outras vezes no entanto, me perguntei: "Como pode um professor na qualidade de responsável por uma turma e do bem estar das crianças assumir um lugar destacado e frio num momento de evolução assim tão vital? Como nunca algumas crianças não são motivadas a aprender e no interior da sala assumem posturas de oposição, provocação e caprichos pouco respeitosos no

confronto com o adulto? Por que aquelas crianças tem capacidade pra fazer tanto e não se faz com que desenvolvam as suas competências positivamente?”

No delicado processo de aprendizagem escolar, frequentemente se deixa passar aspectos emocionais do desenvolvimento da criança privilegiando aqueles puramente cognitivos e ligados a performance.

Piaget (1967) já afirmava ser essencial a inter-relação entre as funções intelectivas e afetivas como dois componentes indissolúveis de cada ação da criança; de fato não existe uma ação puramente intelectual ou emotiva mas sim as funções que estão sempre ligadas. No interior de qualquer grupo escolar da infância até a escola média é indispensável chegar ao ponto de integração temporal da inteligência da mente com aquela do coração.

Nos últimos anos está sendo muito difícil por conta dos fatores que interferem de maneira importante, tais como a falta de preparação dos professores seja em termos do conhecimento das fases do desenvolvimento da criança, seja nos instrumentos didáticos necessários para aprendizagem, seja no processo de atualização. Seguramente a escola está vivendo momento de particular confusão e insatisfação em consequência das várias reformas nos últimos anos que não garantiram absolutamente uma continuidade de trabalho para os alunos; de outro lado também uma grande dificuldade, sempre maior, que o corpo docente passa principalmente na gestão das crianças e adolescentes em função das crises de valores na família e transformação em adultos e tudo que isso pode acarretar.

Recalati, (2014) na introdução do livro *A hora da Lição*, afirma que conhecemos um tempo aonde bastava um professor entrar em sala para que se fizesse silêncio, do mesmo modo que era suficiente um pai levantar um tom de voz para incutir em seus filhos um respeito misturado ao temor. Então, seja a palavra do professor ou a do pai ambas apareciam dotadas de um peso simbólico e de uma autoridade que prescindia os conteúdos que se queria transmitir.

Os dados atuais demonstram que estamos atingindo uma decadência gradual do pacto de co-responsabilidade escola-família caracterizado por uma particular síndrome “da fragmentação interna simbólica”.

Agora me pergunto: “Que coisa podemos fazer psicólogos, professores/educadores e pais?E sobretudo, de onde partir?”

Eu partiria da figura imprescindível para o professor de uma palavra mágica que se hospeda ao redor de nossos corações: a empatia.

A palavra empatia significa "*sentir dentro*" e frequentemente a dificuldade num ambiente escolar pode ser correlacionada com o bloco emocional,ou com uma trava no deixar fluir natural essa íntima capacidade de sentir, deixando entrar como uma nutrição os elementos que caracterizam a experiência complexa da aprendizagem. Por isso,eu creio que seja importantíssimo da parte dos professores fazer um contato real com o nível emotivo das crianças porque numa ótica de relação, as competências de cada menino e menina surgem de fato em torno da própria dimensão afetiva. Na escola é importante poder aprender a linguagem da autonomia, a necessidade de conquistar a liberdade, o divertimento e o altruísmo. De tal modo que se deve conciliar tudo sensibilizando a criança para dar e receber de modorecípoco superficiais críticas; só desse modo o pensamento compartilhado entre o professor e seus alunos vai se alimentar e se revitalizar. O professor conhecendo o tempo inteiro sua classe e as características específicas de cada criança pode se favorecer sabendo o que eles necessitam e o que eles desejam.

De acordo com R. Massa, (1997) "*Chegar ao desejo*", significa sublinhar a importância da capacidade do professor de comprometer os alunos na experiência do aprendizado através não só da competência específica da matéria mas também da modalidade lúdica criativa que busca uma experiência estética no prazer derivante do encontro entre o desejo de nutrir e aquele de ser nutridoà espera do encontro empático na recíproca das expectativas.

Há empatia entre o banco escolar, então é uma relação de interação, improvisação, imaginação e desejo de conhecimento do espírito de coletividade

e criatividade, tolerância e respeito pelo outro, em poucas palavras tornar a pensar juntos.

Marshall Rosenberg, (1960), psicólogo americano, falecido recentemente, desenvolveu um modelo de comunicação não violenta, que é dita também como linguagem GIRAFÁ. É uma metodologia baseada no trabalho que permite o conceito de uma empatia autêntica, como se ele estivesse plantando sementes da empatia através de uma linguagem que escuta o outro, que entra no coração do outro, que transmite à criança uma segurança, uma vontade de fazer, de participar, isso seria uma aprendizagem viva. Este método faz então, uma grande oposição ao aprendizado rígido que julga e que critica e que não contribui ao desenvolvimento de um ambiente escolar motivador e sim ao contrário, desmotiva, cria sentimentos de insatisfação e inadequação e assim uma comunicação destinada a falir.

O autor em mais de uma vez afirma que, frequentemente no interior de uma escola se apresentam sentimentos de culpa, de vergonha, de medo ou se é muito concentrado em obter imediatamente objetivos vencendo de modo mais veloz e com menos esforço.

Nos últimos anos, nos grupos de classes escolares, dominam competitividades excessivas, individualismos e estilos de ensinamentos do aprendizado que não funcionam. Seria ao invés disso muito importante poder utilizar uma linguagem GIRAFÁ já citada anteriormente, que saiba acolher cada singular indivíduo sem utilizar juízos ou interpretações gratuitas sintonizando empaticamente com o estado emotivo do estudante que aprende.

Segundo Winnicottum professor suficientemente bom deveria sempre perguntar aos alunos: Como está? Como posso ajudá-lo?".

E, como afirma Rosenberg: "Como posso transformar a sua vida em algo melhor?"

Assim, através de uma linguagem que faz falar ao coração e a mente se favorece o nascimento de um espírito de trabalho grupal partindo próprio do reconhecimento das necessidades singulares com o objetivo de obter resultados eficazes com bom rendimento, autonomia e maturação através dos instrumentos de escuta ativos e da sintonização empática. Estimulando de tal

modo a criança, o aluno na sua curiosidade criativa que favoreceria o emergir da capacidade inata que com o tempo se modificaria numa competência específica que vai se consolidando devagar.

Rosenberg utiliza imagem curiosa desta girafa porque é um animal que havendo um pescoço tão longo, tendencialmente teria uma visão mais ampla e completa do mundo que a circunda. É também, um animal que possui um coração muito grande próprio para sublinhar a importância da dimensão afetiva na comunicação empática.

No filme "*Sociedade dos Poetas Mortos*", (1989), dirigido por Peter Weir, Robbins Willians no papel do pouco formal professor Keating, demonstra como era atuar numa anti tese com o resto do corpo docente, ou seja, ao primeiro encontro ele entra em classe assobiando e sorrindo, observa os alunos meio assim distraidamente e saindo pela porta os convida a segui-lo ativando sua curiosidade através desta paixão pela poesia. Começa a estimular a autenticidade de cada um e os conquista, encorajando-os a se renderem a própria vida, criatividade e estória. Ele utiliza esta proposta de linguagem GIRAFA e deixa uma mensagem muito clara e profunda assinalando exatamente a mistura da inteligência com o coração.

Alguns anos faz, escutei alguns estudantes numa escola média inferior e superior aqui em Roma e eles me contavam momentos que transcorreram na escola, alguns me contaram coisas negativas, a dificuldade da separação dos pais, os trabalhos, a fobia escolar, o bullying da parte de outros amiguinhos, professores pouco motivados e muito sérios, somatizações ligadas ao medo do julgamento dos professores, dificuldades de aprendizagem e também cenas de exclusão. Alguns desses meninos tinham na memória momentos muito tristes. No entanto, outros me reportaram experiências positivas e prazerosas numa recordação de imagens deliciosas das suas relações com os professores, com o contato de amigos, com o tom de voz, principalmente com imaginação e a fantasia sobretudo, para minha alegria no contato corporal e a sua gratificação, como por exemplo abraços e um tipo de bater sobre as costas como reforço e sobretudo sinal de presença que representava um estar presente incluindo professor e aluno num mesmo grupo. Quando o estudante

sente que pode realmente contar com o professor ou com seu colega, ele se sente muito mais escutado, contido e seguro de si.

Ricardo, um estudante de 21 anos, afirmou que as crianças em geral só querem ser ouvidas. N. Noddings no seu artigo "*A educação sem relação*", (2004), afirma com paixão que: "As crianças aprendem uma comunhão e escutam as pessoas que eles julgam ser importantes e as quais sentem que se preocupam com as elas".

Cada professor é respeitado no seu próprio estilo de fazer a escola mas, eu creio que é muito importante criar desde o início um ambiente digno da criança, respeitoso, permissivo mas ao mesmo tempo depositário de uma norma, de uma regra e de uma responsabilidade.

Muitos aspectos legais na vida escolar trazem um pouco de ansia e medo e um pouco de stress nos professores que lamentam as dificuldades e a fadiga que tem em gerir um inteiro grupo de classe. Esses professores se sentem insatisfeitos, muito pouco motivados, exaustos por um sistema escolar que não garante absolutamente uma certeza para eles. Como consequência, esta aprendizagem para as crianças se ressentem.

Também a profunda crise das famílias e a consequência dessa em relação às crianças sobrecarregam os professores que se encontram no lugar de obrigatoriamente atingir a própria sensibilidade pessoal para reconhecer se essa criança ou adolescente também está passando por um problema emocional na sua família, na sua casa e se isto cria um processo de desgaste na aprendizagem. Deste modo, o professor consegue discernir se o desgaste é causado pela escola ou pela família. O medo limita a percepção, a comunicação e a aprendizagem provocando um senso de solidão e inadequação muito grande. Por isso é importante estimular o trabalho com pequenos grupos, não exclusivamente com atividades didáticas mas também com outras modalidades de aprendizagem como pintura, musicais, coordenação motora manual, dramatizações que vão favorecer a expressão das emoções através das quais a criança pode desenvolver um papel mais ativo podendo principalmente doar um pedaço de si mesmo ao outro.

Tudo isso abre muitas portas no coração das crianças porque o trabalho feito junto permite ao professor conquistar e nutrir o saber e estes serão sempre recordados com prazer e momentos de grande empatia.

Dott. GianlucaPanella

Psicólogo – Psicoterapeuta do IdO

Tradução: Mônica Nicola

Psicanalista;

Membro do IdO;

Docente da Escola de Especialização de Psicoterapia da Idade Evolutiva de Roma;

Coordenadora do projeto tartaruga sobre autismo no Brasil;

Livros e artigos científicos publicados no Brasil e na Itália;

Editora do Capítulo Brasil do site Babele do IdO/Roma